

**AS FORMAS DE TRATAMENTO
EM BILHETES AMOROSOS
NO RIO DE JANEIRO NOVECENTISTA**

Leonardo Lennertz Marcotulio (UFRJ)

Paula Fernandes da Silva (UFRJ)

Célia Regina dos Santos Lopes (UFRJ)

O objetivo deste trabalho é dar continuidade aos estudos sobre a pronominalização de nominais em português, a partir da descrição das formas de tratamento encontradas em textos escritos no início do século XX.

Para alcançar o objetivo proposto, será utilizada uma amostra específica constituída por 13 bilhetes amorosos, escritos no Rio de Janeiro, em 1908, por Robertina de Souza. Esses bilhetes se encontram anexados a um processo judicial⁵ que investigou o assassinato do amante de Robertina, Álvaro da Silva Mattos, cometido por Arthur Frederico de Noronha, com quem era amasiada há seis anos. Do total de bilhetes, 11 foram escritos para o amante e 2 ao companheiro.

Segundo Engel (2001, p. 117), em “Cultura popular, crimes passionais e relações de gêneros – Rio de Janeiro, 1890-1930”, Arthur Frederico de Noronha era brasileiro, capitão-tenente da Armada, tinha 29 anos, sabia ler e escrever, e teve dois filhos com Robertina. A jovem, no entanto, teria se envolvido afetivamente com Álvaro da Silva Mattos, descrito por Engel como “branco, desempregado, solteiro, 20 anos, brasileiro, sabendo ler e escrever”. Este último havia sido acolhido por Arthur em sua casa por encontrar-se desempregado e não ter onde morar. Três meses depois, Arthur começou a desconfiar de um caso entre seu amigo e Robertina. De acordo com o seu depoimento, mandou a companheira viajar, deixou seus filhos na casa dos avós paternos e expulsou Álvaro de sua casa, depois de ter confirmado a relação com Robertina. No dia seguinte, os dois se encontraram, discutiram e Arthur deu três tiros em Álvaro, matando-o. Foi absolvido por privação de sentidos e da inteligência.

⁵ Processo Arthur Frederico de Noronha, Arquivo Nacional - Rio de Janeiro, nº 717, M. 883, gal. A, 8º PC, 1908.

DIACRONIA

Assim, pretende-se realizar, na amostra selecionada, uma análise quantitativa e qualitativa das formas de tratamento utilizadas nas correspondências. Para isso, levam-se em consideração os pressupostos teórico-metodológicos da teoria da variação de base laboviana (Labov, 1994) e da pragmática sócio-cultural discutida por Bravo & Briz (2004). Será feita ainda uma análise comparativa dos resultados obtidos nessa amostra com os encontrados em outros estudos realizados a partir de textos escritos no século XIX (Lopes e Machado, 2005 e Barcia, 2006).

RESULTADOS

Além de identificar as formas de tratamento utilizadas nas diferentes funções sintáticas, os critérios norteadores utilizados para análise foram a análise da presença ou não de mistura de tratamento e o processo de pronominalização da forma *você*. O quadro que será apresentado a seguir dá um panorama geral das formas predominantes na amostra.

DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS DADOS

Foram encontrados, nos bilhetes analisados, 113 dados no total, como mostra a tabela abaixo:

| | Formas de P2 | Formas de P3 | Total |
|-------------|--------------|--------------|-------|
| Ocorrências | 87 | 26 | 113 |
| % | 77 | 23 | 100 |

Tabela 1. Dados gerais

Durante a análise dos bilhetes, consideram-se como P2 as formas relacionadas à 2ª pessoa do singular, tais como: o pronome pessoal do caso reto (*tu*), os pronomes complemento preposicionados (*a ti, para ti, contigo*) e não preposicionado (*te*), os pronomes possessivos (*teu/tua*) e as desinências verbais correspondentes à segunda pessoa do singular no imperativo ou não. Segundo Lopes (2007, p. 6), “a fim de facilitar a comparação e análise dos dados, rotulou-se a forma *você* como 3ª pessoa do singular gramatical ou formal, ainda que se reconheça em *você* um pronome de 2ª pessoa que refere, em termos semântico-discursivos, ao *não-eu* (interlocutor)”. Dessa forma, foram consideradas como formas de P3: o pronome pessoal do caso reto (*você*), os pronomes complemento preposicionados (*para você, a você, com você*), e não preposicionados (*você, lhe, o*), os pronomes possessivos (*seu/sua*) e as

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

desinências verbais correspondentes à terceira pessoa do singular no imperativo ou não.

Do total de dados, 77% dos casos constituem exemplos de formas de 2ª pessoa gramatical, totalizando 87 ocorrências. As formas de 3ª pessoa, por sua vez, totalizaram 26 ocorrências, que correspondem a 23% dos dados. Dessa forma, pode-se verificar que o *tu* íntimo é predominante, conferindo uma maior informalidade aos bilhetes, o que é típico dessa tipologia textual. Observem-se os seguintes exemplos:

(1) “eu | *te* adoro *te* amo até a morte sou | *tua* só *tu* é meu só o meu coracao e *teu* | e o *teu* coracao é meu. a Chininha e todinha *tua* ate a morte” (bilhete 01 – Álvaro)

(2) “eu rezo pedind- | o a Deus para *você* me perdo- | ar, mas creio que *voce* não *tem* | coragem de ver morrer um filho o filha” (bilhete 01 – Arthur)

Para analisar as formas de P2 e P3 foram controlados diferentes fatores. O primeiro deles foi a categoria gramatical, como o pronome reto, os pronomes complemento preposicionados e não preposicionados, e também as desinências verbais relacionadas às 2ª e 3ª pessoas do singular no imperativo ou não. Outro fator analisado foi o paralelismo discursivo, no qual se pode verificar a existência ou não de mistura das formas de tratamento. Os tipos de sujeito - nulo ou pleno - e sua concordância com o verbo foram outro ponto de análise. Como fator extralingüístico, controlaram-se os destinatários dos bilhetes: Arthur, o companheiro, e Álvaro, o amante, na tentativa de verificar qual tipo de tratamento foi empregado pela remetente para cada interlocutor.

Na análise de regra variável com todos os dados de *tu* e *você* levantados, foram selecionados dois grupos de fatores: o grupo categoria gramatical e o grupo destinatário. As tabelas a seguir apresentam esses resultados. O valor de aplicação é *tu*.

No que diz respeito à utilização das formas de tratamento em função da categoria gramatical, têm-se os seguintes resultados:

| Categoria gramatical | N/T | % | P.R. |
|--------------------------------------|-------|----|------|
| Pronome complemento (sem preposição) | 12/14 | 86 | .68 |
| Imperativo | 8/11 | 73 | .59 |
| Formas verbais não-imperativas | 16/22 | 73 | .56 |
| Pronome reto | 11/18 | 61 | .38 |
| Pronome complemento (com preposição) | 9/17 | 53 | .32 |

Tabela 2. Utilização das formas de tratamento em função da categoria gramatical

DIACRONIA

De acordo com a tabela apresentada, observa-se que as formas de P2 apresentam-se com maior frequência em todas as categorias analisadas, a saber: 86% de pronome complemento sem preposição, 73% no imperativo e nas formas não imperativas, 61% de pronome reto e, por fim, 53% de pronome complemento com preposição.

Através da análise do peso relativo, verifica-se o favorecimento de formas de P2 como pronomes complemento não preposicionados (.68), verbos imperativos (.59) e não imperativos (.56), como nos exemplos a seguir:

(3) “não gosto de | *te* ver triste, o que *fizest[e]* | do cabelo que *te* dei | *gua[rda]ste* no coração como eu | *dis[e]* que noite eu vou | passar.” (bilhete 02 – Álvaro)

(4) “*Perdoa*-me tudo qua | nto *te* fis hoje de | estar beijando aquelle | retrato” (bilhete 06 – Álvaro)

Já os contextos de utilização de pronome reto (.38) e de pronome complemento com preposição (.32) são os que mais favorecem à utilização das formas de P3, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

(5) “manda-me | dizer se recebeu uma carta | registrada que eu mandei | *para você*, eu quero ir de | corpo e alma para inferno se | o que aquelle miseravel disse | é verdade” (bilhete 01 – Arthur)

(6) “des que sofre com um | inocente, que esta arrependido | *você* ja sabe. responda-me por | favor, pelo amor de Deus.” (bilhete 02 – Arthur)

Vale dizer que os dados correspondentes aos pronomes possessivos não se encontram na tabela anteriormente apresentada, uma vez que os 31 dados, que totalizam 100% das ocorrências, foram de formas de P2 (*teu/tua*), conforme o exemplo a seguir:

(7) “Da *tua* sempre | *tua* e toda *tua* do *teu* coração.” (bilhete 10 – Álvaro)

Os resultados confirmam a hipótese de Lopes e Machado (2005) de que a inserção de *você* no sistema pronominal não ocorreu da mesma maneira em todas as categorias gramaticais ou subcategorias pronominais, sendo o lugar ocupado pelo pronome complemento não preposicionado *te* o contexto de maior resistência, juntamente com os possessivos, visto que não foram registrados dados de possessivos em P3 (*seu/sua*).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em síntese, os resultados parecem indicar o início da formação de um paradigma pronominal que reflete um sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas do singular. Consoante Lopes (2007:9), “aparentemente, é na posição de sujeito que *você* se firmará”, e, por isso, interessa-nos, nesse momento, observar os dados de sujeito para verificar se, nesse contexto, a forma *você* já ocupa os mesmos espaços funcionais de *tu*.

Foram, assim, controladas as categorias plena e nula. Os resultados seguem na tabela abaixo:

| Tipos de sujeito | P2 | P3 | Total de ocorrências |
|------------------|----------|---------|----------------------|
| Pleno | 11 - 61% | 7 - 39% | 18 |
| Nulo | 16 - 73% | 6 - 27% | 22 |

Tabela 3. Tipos de sujeito

Verifica-se que, nessa categoria, as formas de P2 são predominantes. Em posição de sujeito pleno representam 61% das ocorrências e nas de sujeito nulo registram-se 73% de ocorrências. Já as formas de P3 aparecem com 39% e 27% respectivamente.

Vale ressaltar que, no início do século XX, o português ainda era uma língua na qual havia uma grande ocorrência de sujeito nulo, e as formas de tratamento mais empregadas, em contextos de maior intimidade e informalidade, eram as de P2. Portanto, fica clara a razão da ocorrência mais freqüente das formas de P2 como sujeito não-preenchido. Abaixo seguem alguns exemplos dessas ocorrências:

(8) “não me mandou o cabelo | dessa linda cabessinha por que? | manda-me que eu guardo com[o] | *tu* guardou o meu” (bilhete 03 – Álvaro)

(9) “muito obrigada | pelo lindo livrinho que me | *mandaste*.” (bilhete 09 – Álvaro)

Considerando-se as formas de P3, os casos de sujeito pleno são os que mais favorecem a sua realização, conforme o exemplo a seguir:

(10) “[*m*]inha vida, *voce* é meu | [*to*]dinho desd a cabessa até | os pés” (bilhete 09 – Álvaro)

O fato de *você* estar se estabelecendo no sistema e não ser ainda uma forma tão utilizada quanto o *tu* nessa amostra nos leva a crer que *você* acaba por favorecer o preenchimento das posições de sujeito, uma

DIACRONIA

vez que, como não marca desinencial o pronome é funcionalmente relevante para indicar pessoa.

Como mencionado anteriormente, Robertina enviou bilhetes a dois destinatários: Arthur, com quem era amasiada, e Álvaro, seu amante. Esse fator foi levado em consideração como um dado extralingüístico para análise do controle de todas as formas de P2 e P3, e também foi selecionado na análise de regra variável, como se pode ver na tabela abaixo. O valor de aplicação é *tu*:

| Destinatário | N/T | % | P.R. |
|--------------|-------|----|------|
| Álvaro | 79/94 | 84 | .58 |
| Arthur | 8/19 | 42 | .16 |

Tabela 4.

Utilização das formas de tratamento em função dos destinatários dos bilhetes

Nos bilhetes escritos para o amante, 84% das formas pronominais utilizadas eram de P2, ao passo que nos bilhetes enviados ao companheiro, elas representam 42% do total das ocorrências.

Os bilhetes que foram destinados ao companheiro tinham um maior grau de formalidade, e envolviam assuntos como a preocupação com os filhos, desculpas e perdão pela traição cometida (como em 11), enquanto que os bilhetes enviados ao amante eram mais pessoais e envolviam assuntos de cunho estritamente afetivo, como se pode verificar em 12:

(11) “não | posso me separar *de voce* e do meu | filho a não ser com a morte” (bilhete 01 – Arthur)

(12) “morro *por ti. tu* é e a min- | ha vida, minh’alma eu *sem | ti* não vivo Da *tua* sempre | *tua* e toda *tua* do *teu* coração.” (bilhete 10 – Álvaro)

Esses exemplos nos dão indícios de que contextos mais formais favorecem as formas de P3 (.16), ao passo que contextos mais pessoais tendem a favorecer a utilização das formas de P2 (.58). Entretanto, foi possível encontrar em alguns bilhetes a coexistência das duas formas de tratamento. Em outras palavras, ainda que um bilhete apresentasse uma forma predominante, muitas vezes era encontrada uma estratégia alterada. Esta é a razão pela qual faz-se necessário voltar nossa atenção, nesse momento, para a mistura de tratamentos. Serão analisados, para tanto, o paralelismo discursivo, a concordância verbal e as motivações sócio-pragmáticas que justificam a existência de um paradigma misto.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A partir da análise do paralelismo discursivo, observou-se se o item analisado era o primeiro numa série, se estava precedido de uma forma de P2 ou se estava precedido de uma forma de P3. Pode-se notar, segundo a tabela a seguir, que as formas de P2 aparecem em 85% dos casos como primeiro de uma série discursiva, pelo fato de termos uma amostra de *tu* íntimo, como podemos verificar na tabela abaixo:

| Paralelismo discursivo | Formas de P2 | Formas de P3 | Total de ocorrências |
|---------------------------|--------------|--------------|----------------------|
| Primeiro da série | 11 - 85% | 2 - 15% | 13 |
| Precedido de formas de P2 | 64 - 83% | 13 - 17% | 77 |
| Precedido de formas de P3 | 12 - 52% | 11 - 48% | 23 |

Tabela 5. Paralelismo discursivo

O que esses dados nos trazem de mais interessante é a mistura das formas de tratamento, já presente em *corpora* do século XIX, conforme atestam Lopes e Machado (2005) e Barcia (2006) em estudos com cartas de família e cartas de leitores retiradas de folhetins, respectivamente. Pode-se ver que as formas de P2, ainda que apareçam mais frequentemente precedidas de formas de P2 (83%), também aparecem precedidas de formas de P3, em 52% dos casos. O mesmo ocorre com as formas de P3, que aparecem precedidas de formas de P3 (48%) e de formas de P2 (17%). Observem-se os exemplos a seguir:

(13) “só quem manda | *em voce* sou eu não | e assim? meu coração | para *dixeste* que era | disgracado. não quero | [[quero]] que *digas* mais | isso.” (bilhete 11 – Álvaro)

(14) “que eu sou *tua* | e *tu é* meu, eu vivo | *para voce* e *voce* para | mim” (bilhete 06 – Álvaro)

É importante ressaltar que, na época, a presença do *tu*, em contextos mais solidários e menos formais, era forte na língua portuguesa. O *voce* era um “invasor” que estava aos poucos ocupando espaço, o que reflete as variações ocorridas entre as formas de 2^a e de 3^a pessoas.

O aspecto mais curioso dessa amostra é o fato de termos identificado ausência de concordância verbal em dados de escrita do início do século XX, como mostra a tabela e os exemplos que seguem:

| Concordância verbal | P2 | P3 |
|--|---------|----------|
| Presença de concordância (P2-P2 / P3-P3) | 5 - 45% | 6 - 100% |
| Ausência de concordância (P2-P3 / P3-P2) | 6 - 55% | 0 - 0% |
| Total de ocorrências | 11 | 6 |

Tabela 6. Concordância verbal

DIACRONIA

(15) “tu sab | es que *tu é* meu cora- | cão” (bilhete 06 – Álvaro)

(16) “não me mandou o cabelo | dessa linda cabessinha por que? | manda-me que eu guardo com[o] | *tu guardou* o meu” (bilhete 03 – Álvaro)

Como se verifica na tabela, a ausência de concordância com o *tu* é mais freqüente do que a presença: 55% de não concordância contra e 45% concordância verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, pode-se concluir que, em relação à categoria gramatical, os pronomes possessivos, seguidos dos pronomes complementos não preposicionados, mostraram-se como os contextos de maior resistência à utilização de formas de P3, ao passo que as posições de pronome reto e pronome complemento preposicionado favorecem o seu uso.

Quanto ao tipo de sujeito, o preenchimento desta posição favorece à utilização do pronome reto *você*, enquanto que a forma *tu* apresenta-se com maior freqüência nos contextos de sujeito nulo.

No que diz respeito ao uso do tratamento em função do destinatário e ao teor dos bilhetes, pode-se concluir que as cartas enviadas ao amante são de teor mais próximo e afetivo e favorecem, assim, a utilização das formas de P2, ao passo que as cartas enviadas ao companheiro, que eram mais formais e tratavam de assuntos mais sérios, como pedidos de perdão e preocupação com os filhos, favorecem a utilização das formas de P3.

No tocante ao paralelismo discursivo, pode-se atestar a existência da mistura das formas de tratamento, que são corroboradas pelos dados de concordância verbal. Os resultados encontrados confirmam os estudos de Lopes e Machado (2005) e Barcia (2006) em relação a essa mistura. Pode-se observar, nos bilhetes, que a mistura de paradigmas nos dá indícios da manutenção de marcas formais e discursivas da forma *você*, como a maior formalidade e distanciamento em relação ao *tu* íntimo.

Para terminar, vale dizer que os resultados obtidos apontam para um estágio mais avançado de gramaticalização da forma *você* em relação aos resultados descritos para o século anterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCIA, Lucia Rosado. *As formas de tratamento em cartas de leitores oitocentistas*: peculiaridades do gênero e reflexos da mudança pronominal. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

BRAVO, Diana & BRIZ, Antonio. *Pragmática sociocultural*: estudios sobre el discurso de cortesía en español. Barcelona: Ariel, 2004.

BROWN, P. & LEVINSON, S. C. *Politeness*: Some Universals in Language Usage. Cambridge: CUP. Originalmente publicado como: “Universals in Language Usage, Politeness Phenomenon”. In: GODY, Esther (ed.). *Questions and Politeness, strategies in Social Interaction*. Nova York: CUP, 1987.

ENGEL, Magali Gouveia. Cultura popular, crimes passionais e relações de gêneros – Rio de Janeiro, 1890-1930. In: *Gênero*: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG, Niterói: EDUFF, 2001, v. 1, nº 2, p. 107-122.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*: Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LOPES, C. & MACHADO, A. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, C. (org.). *A Norma Brasileira em Construção. Fatos lingüísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-graduação em Letras Vernáculas, FAPERJ, 2005.

LOPES, Célia. *O tratamento a Rui Barbosa*. Rio de Janeiro, (no prelo, com previsão para sair ainda em 2007).